

Uso de preservativos por adolescentes do ensino médio de escola pública federal do município de Niterói

Use of condoms by adolescents from a federal public school in the city of Niterói

Uso de condones por adolescentes de una escuela pública federal de la ciudad de Niterói

Recebido: 25/02/2022 | Revisado: 05/03/2022 | Aceito: 10/03/2022 | Publicado: 18/03/2022

Cristina Portela da Mota

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7496-3385>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: motacristinap@gmail.com

Alessandra Gonçalves do Silva Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0568-3165>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: alessandraaxd@gmail.com

Jorge Luiz Lima da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2370-6343>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: jorgeluilzlima@gmail.com

Wallace Henrique Pinho da Paixão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2533-4707>

Instituto Nacional do Câncer, Brasil

E-mail: whpp2601@hotmail.com

Rayssa do Nascimento Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7865-1637>

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

E-mail: rayssaaluno@gmail.com

Claudia Maria Messias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1323-0214>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: marimessi1512@gmail.com

Ricardo José de Oliveira Moura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1284-971X>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: ricardomoura@hotmail.com

Resumo

Este estudo objetivou investigar o uso de preservativos por adolescentes do ensino médio de uma escola pública do município de Niterói. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo transversal de abordagem quantitativa. A população estudada foram 51 adolescentes de 15 a 19 anos matriculados no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio. Foram incluídos estudantes matriculados na escola onde a pesquisa ia ser realizada, de ambos os sexos, com interesse e permissão para participar do estudo. A coleta de dados se desenvolveu nos meses de maio e junho de 2017 por meio de um questionário estruturado com 65 perguntas fechadas. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Constatou-se, que 37,2% dos adolescentes participantes (19) já iniciaram sua vida sexual. Sendo que, 13,7% dos adolescentes (7) utilizam camisinha como método contraceptivo. 25,5% dos adolescentes (13) declararam ter utilizado camisinha na primeira vez. Observou-se comportamento de risco, à medida que 37,3% de adolescentes (19%) indicaram que esperam que o outro lembre-se do uso da camisinha, contrapondo com 15,5% (8) que lembram de utilizar. Assim como, 29,4% dos adolescentes (15) não usariam camisinha se o (a) parceiro (a) não aceitasse. Promover a saúde de adolescentes exige o desafio para adesão de estratégias mais eficazes de participação. Os adolescentes deste estudo mantêm-se expostos a uma gravidez indesejada ou a infecções sexualmente transmissíveis, ressaltando a necessidade de conscientização do grupo etário para os riscos do sexo sem proteção. A enfermagem está inserida neste contexto com a responsabilidade de esclarecer e conscientizar o adolescente para atitudes seguras, que diminuam ou anulem os riscos de contaminação.

Palavras-chave: Saúde do adolescente; Preservativos; Enfermagem.

Abstract

Sexuality in adolescence translates into a field of discovery, experimentation and experience of freedom. In adolescence occurs puberty and often the onset of sexual activity. The first sexual intercourse is considered a milestone in the reproductive life of any individual and has occurred earlier and earlier. This study aimed to

investigate the use of condoms by high school adolescents of a public school in the city of Niterói. This is a descriptive, cross-sectional, quantitative approach. The study population consisted of 51 adolescents aged 15 to 19 enrolled in the 1st, 2nd and 3rd year of high school. The inclusion criteria were: to be a high school student of both sexes, to be duly enrolled in the school in question, to have expressed interest in participating in the study, and to obtain the express permission of the legal guardian. Data collection was developed in May and June 2017 through a structured questionnaire with 65 closed questions. This study was approved by the Human Research Ethics Committee of the Antônio Pedro University Hospital under CAAE: 0265.0.258.000-10. It was found that 37.2% of the participating adolescents (19) have already started their sexual life. Being that, 13.7% of the adolescents (7) use a condom as a contraceptive method. 25.5% of adolescents (13) reported having used condoms the first time. Risk behavior was observed, as 37.3% of adolescents (19) indicated that they expected the other to remember the use of the condom, in opposition to 15.5% (8) that they remember to use. As well as, 29.4% of the adolescents (15) would not use condoms if the partner did not accept. Promoting adolescent health requires the challenge of adhering to more effective participatory strategies. The adolescents in this study remain exposed to unwanted pregnancies or sexually transmitted infections, emphasizing the need to raise the age group's awareness of the risks of unprotected sex. Nursing is inserted in this context with the responsibility of clarifying and raising the awareness of the adolescent towards safe actions that reduce or eliminate the risks of contamination.

Keywords: Adolescent health; Condoms; Nursing.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo investigar el uso del preservativo por adolescentes de secundaria de una escuela pública de la ciudad de Niterói. Se trata de un estudio descriptivo, transversal con enfoque cuantitativo. La población estudiada estuvo constituida por 51 adolescentes de 15 a 19 años matriculados en el 1º, 2º y 3º año de secundaria. Se incluyeron estudiantes matriculados en la escuela donde se iba a realizar la investigación, de ambos sexos, con interés y permiso para participar en el estudio. La recolección de datos se realizó en mayo y junio de 2017 a través de un cuestionario estructurado con 65 preguntas cerradas. Este estudio fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación. Se constató que el 37,2% de los adolescentes participantes (19) ya habían iniciado su vida sexual. Ya que el 13,7% de los adolescentes (7) utilizan el preservativo como método anticonceptivo. El 25,5% de los adolescentes (13) relató haber usado preservativo por primera vez. Se observó comportamiento de riesgo, ya que 37,3% de los adolescentes (19%) indicaron que esperan que el otro recuerde usar preservativo, en contraste con 15,5% (8) que recuerdan usar preservativo. Asimismo, el 29,4% de los adolescentes (15) no usaría preservativo si su pareja no lo aceptara. Promover la salud de los adolescentes requiere el desafío de adherirse a estrategias de participación más efectivas. Las adolescentes de este estudio siguen expuestas a embarazos no deseados o infecciones de transmisión sexual, destacando la necesidad de sensibilizar al grupo etario sobre los riesgos de las relaciones sexuales sin protección. La enfermería se inserta en ese contexto con la responsabilidad de esclarecer y sensibilizar a los adolescentes sobre actitudes seguras que reduzcan o anulen los riesgos de contaminación.

Palabras clave: Salud de los adolescentes; Preservativos; Enfermería.

1. Introdução

O Brasil possui uma população de 206 milhões de pessoas, onde os adolescentes ocupam um quarto da população do país, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2015. Apesar do número elevado, muitos desses adolescentes ainda não têm acesso a informações e serviços adequados ao atendimento de suas necessidades em termos de saúde sexual e reprodutiva. Assim, há ausência de estímulos para tomar decisões de maneira livre e responsável minimizando os comportamentos considerados de risco, como por exemplo: a iniciação sexual precoce e a ausência de proteção durante o ato sexual (Brasil, 2015).

A adolescência é o período da vida entre 10 e 19 anos de idade e caracteriza-se por uma aceleração repentina do crescimento, seguida pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais e das características sexuais secundárias, com modificações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais (Santos *et al.*, 2021). Além da explosão de desejos que ocorre nessa fase, surgem também os medos e a insegurança com os novos horizontes. Ainda mais hoje, onde os adolescentes estão cada vez mais precoces em suas atitudes, como, por exemplo, o namoro que está começando cada vez mais cedo e, conseqüentemente, o relacionamento sexual.

A sexualidade na adolescência se traduz em um campo de descobertas, experimentações e vivência da liberdade, como também, de construção da capacidade para a tomada de decisões, de escolhas, de responsabilidades e de afirmação de ideologias, tanto pessoal como política (Rodrigues *et al.*, 2021). Ainda, é o elemento signifiicante na formação da identidade do

adolescente e que se manifesta por múltiplas identificações, tais como: a imagem corporal, a descoberta do outro como objeto de amor ou desejo e a descoberta de si e das relações com os familiares, grupos e profissionais (Oliveira, Abud, Inagaki, Alves & Matos, 2018).

Na adolescência ocorre a puberdade e frequentemente o início da atividade sexual. A primeira relação sexual é considerada um marco na vida reprodutiva de qualquer indivíduo e tem ocorrido cada vez mais precocemente. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense), o número de adolescentes brasileiros que iniciam a vida sexual entre 13 e 17 anos representa 81,7% (Brasil, 2015).

As práticas sexuais na adolescência têm sido descritas como dinâmicas e em constantes transformações, podendo acarretar em impacto importante na vida reprodutiva dos adolescentes, como o aumento das taxas de fecundidade na faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade observado no Brasil como um todo (Bicalho et al., 2021; Souza et al., 2017) e a magnitude da IST/HIV/Aids no perfil epidemiológico dos adolescentes brasileiros (Brasil, 2015).

A prática sexual entre adolescentes é ampla e deve ser considerada para todas as políticas que envolvem este grupo etário. Afinal de contas, a sexualidade humana precisa ser respeitada, as sensações e práticas sexuais de cada adolescente devem ser encaradas como íntimas e sérias e, portanto, todas as práticas sexuais na adolescência devem ser subsidiadas de orientação preventiva. Sendo assim, cabe a toda a sociedade adulta, nas suas diferentes áreas de relação com esse público (família, escola, clubes, ou outras organizações) garantir o acesso das novas gerações às técnicas e conhecimentos preventivos comprovadamente eficazes e seguros, acumulados pela humanidade. (Brasil, 2015, Rodrigues *et al.*, 2021)

Os adolescentes são sujeitos de direitos e devem ser tratados com prioridade absoluta nas políticas de saúde. Evidências apontam para a associação entre a entrada precoce na puberdade e a adoção de comportamentos de risco para a saúde sexual e reprodutiva. Tal evidência traz a necessidade de acompanhamento da situação de saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Dessa forma, objetiva-se investigar o uso de preservativos por adolescentes do ensino médio de uma escola pública do município de Niterói.

Este estudo está incluído na linha de pesquisa de estudos da sexualidade nas sociedades contemporâneas. Assim como no Núcleo de Pesquisa e Extensão em sexualidade, Gênero e Reprodução Humana do Departamento Materno Infantil e Psiquiatria da Universidade Federal Fluminense.

2. Metodologia

Trata-se de estudo descritivo, do tipo transversal de abordagem quantitativa. Ocorreu em um colégio universitário localizado no município de Niterói (Minayo et al., 2011). A amostragem utilizada foi do tipo não probabilística, por conveniência, e os critérios de inclusão foram: ser aluno do ensino médio; de ambos os sexos; estarem devidamente matriculados; ter manifestado interesse em participar do estudo, além de obter a permissão expressa do seu responsável legal. Os critérios de exclusão foram: adolescentes do ensino médio de ambos os sexos com comprometimento mental.

A coleta de dados foi realizada nos meses de abril e maio de 2017 após a apresentação da pesquisa pelo responsável, bem como a entrega do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que foi levado pelos alunos ao domicílio, assinado pelos pais ou responsável e devolvido na semana posterior. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado com 65 perguntas fechadas divididas em quatro partes: caracterização sociodemográfica dos adolescentes; história sexual e reprodutiva; uso do preservativo na vida sexual; e saúde física e emocional.

O questionário foi respondido pelos participantes da pesquisa em ambiente escolar, em horário de aula, de acordo com a indicação do coordenador pedagógico e a autorização do professor, com duração média de 25 minutos. A equipe foi composta por uma coordenadora de campo, uma entrevistadora responsável pela aplicação dos questionários e demais autores

que contribuíram na construção e análise do texto. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense sob o Protocolo CAAE: 0265.0.258.000-10.

3. Resultados

A pesquisa foi realizada com 51 adolescentes em que a faixa etária variou entre 15 e 19 anos. Sendo a média de idade dos alunos de 16 anos (51%). Entre os 51 adolescentes entrevistados, 20 (39,2%) eram do 1º ano, 15 (29,4%) do 2º ano e 16 (31,4%) do 3º ano do ensino médio. Entre os sexos a proporção foi de 32 (62,8%) feminino e 17 (33,3%) masculino. 49 (96,1%) residiam com os pais. Nas cidades de Niterói 28 (54,9%), São Gonçalo 18 (35,3%), Maricá 2 (3,9%), Rio de Janeiro 3 (5,9%). A maioria se declarou Católico/Evangélico/Espírita 36 (70,6%), seguido de não possuir religião 12 (23,5%) e ser ateu 03 (5,9%). Entre os pais a maioria eram casados/ em união estável 32 (62,7%), separados/ divorciados 10 (19,6%) ou solteiros 07 (13,7%). A Distribuição das variáveis sexuais e reprodutivas de adolescentes foram dispostas na tabela 1, apresentada a seguir:

Tabela 1 – Variáveis sexuais e reprodutivas de adolescentes de colégio universitário, Niterói, 2017.

SEXUAIS/REPRODUTIVAS		
VARIÁVEIS	Nº	%
Orientação sexual		
Homossexual	02	03,9
Heterossexual	37	72,5
Bissexual	11	21,6
Idade da menarca		
Até 15 anos	31	60,8
Mais de 15 anos	02	03,9
Nunca teve relação sexual	18	35,3
Idade da sexarca		
Até 15 anos	09	17,6
Mais de 15 anos	10	19,6
Nunca teve relação sexual	32	62,7
Frequência da relação sexual		
Uma vez por mês/ até 2 a 3 vezes por mês	14	27,5
Uma vez por semana/ até 2 a 3 vezes por semana	04	07,8
Nunca teve relação sexual	33	64,7
Método contraceptivo		
Tabelinha; coito interrompido; pílula; diafragma DIU; espermicida	04	07,8
Camisinha feminina / camisinha masculina	07	13,7
Nunca teve relação sexual	33	64,7
meio de informação sobre sexo e ists		
TV/internet/rádio/livro/jornal/revista	28	54,9
Amigo/professor/outros familiares	03	05,9
Pais	28	54,9

Relação sexual com mais de uma pessoa		
Sim	08	15,7
Não	10	19,6
Nunca teve relação sexual	33	64,7
Relação entre HIV e AIDS		
Sim, são a mesma coisa.	20	39,2
Não, são coisas diferentes.	30	58,8
Relação entre Aids e homossexualidade		
Sim	01	02,0
Não	50	98,0

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 - Distribuição das variáveis sexuais e reprodutivas de adolescentes do colégio - conhecimento sobre camisinha masculina, feminina e satisfação em usar camisinha, Niterói, 2017.

CONHECIMENTO E USO DE PRESERVATIVOS		
VARIÁVEIS	Nº	%
Conhecimento sobre a camisinha masculina		
Sim	51	100,0
Não	00	00,0
Conhecimento sobre a camisinha feminina		
Sim	43	84,3
Não	06	11,8
Utilização da camisinha na primeira vez		
Sim	12	23,5
Não	15	29,4
Camisinha utilizada na primeira vez		
Masculina	13	25,5
Pessoa que lembra de utilizar a camisinha		
Outro (ele ou ela)	19	37,3
Você mesmo	08	15,7
Possibilidade de relação sexual sem utilizar camisinha		
Sim	15	29,4
Gosto de utilizar camisinha		
Sim	11	21,6
Não	18	35,3
Camisinha que não gosta		
Camisinha feminina	08	15,7
Camisinha masculina	06	11,8
Camisinha feminina e Camisinha masculina	03	05,9

Fonte: Elaboração própria.

Quanto ao conhecimento dos estudantes sobre camisinha masculina, feminina e satisfação em usar camisinha. Todos afirmaram conhecer sobre camisinha masculina, mas apenas 43 (84,3%) conheciam a camisinha feminina.

Sobre a utilização da camisinha na primeira relação sexual, 12 (23,5%) fizeram uso, 13 (25,5%) escolheram a camisinha masculina e 15 (29,9%) estudantes não utilizaram o método contraceptivo na primeira vez.

Durante a prática do ato sexual, o estudo aponta que os parceiros foram os responsáveis por lembrar-se de utilizar a camisinha para 19 (37,3%) dos adolescentes.

Ter relações sexuais sem utilizar camisinha foi uma probabilidade para 15 (29,4%) dos estudantes. Entre os adolescentes, oito (35,3%) afirmaram não gostar de usar camisinha. Sendo a distribuição: camisinha feminina, oito (15,7%), camisinha masculina, seis (11,8%), ambas, três (05,9%).

Após a resposta sobre qual camisinha que o adolescente não gosta de utilizar foi elaborada uma pergunta aberta a qual questiona o motivo do adolescente não gostar de usar a camisinha referida na questão anterior. Sendo assim, 22 adolescentes responderam essa pergunta.

Dentre as respostas pode-se encontrar o motivo mais frequente, o incômodo, interferência na sua liberdade e habilidade, mas isso não se caracterizou como um fator definitivo para o não uso. Preferiram a camisinha masculina em detrimento da masculina em virtude da praticidade, fazer uso de medicamento anticoncepcional e não saber.

Entre as características físicas e emocionais 20 (39,2%) dos estudantes se consideravam acima do peso, 33 (64,7%) demonstravam insatisfação com algo em seu corpo e 05 (09,8%) tinham pensamentos sobre ter nascido em outro sexo.

4. Discussão

Por meio dessa pesquisa, constatou-se que mais da metade dos estudantes do ensino médio da referida escola não tiveram relação sexual até o momento da pesquisa. Tendo-se obtido 62,7% de adolescentes que nunca tiveram relação sexual, e dentro dos 37,2% que já tiveram relação sexual, 13,7% utilizam camisinha como método contraceptivo. Entretanto, a imaturidade dos adolescentes no que diz respeito ao sexo, comprovada pelo conhecimento deficiente sobre as complicações, somada às práticas de relações sexuais desprotegidas propicia vulnerabilidade às infecções sexuais. (Fonseca et al., 2021),

A frequência ao quais os adolescentes têm suas relações sexuais torna-se um fator importante quando comparado ao percentual de adolescentes que utilizam a preservativo como método contraceptivo. À medida que se configura a relação entre exposição e desfecho.

A pesquisa indica que 27,5% dos adolescentes têm relação sexual uma vez por mês ou de duas a três vezes por mês, 7,8% têm uma vez por semana ou de duas a três vezes por semana, e 64,7% nunca tiveram relação sexual. Sendo assim, 35,3% dos adolescentes apresentam frequência de relação sexual relativa, ao passo que, comparado aos 37,2% de adolescentes que já tiveram relação sexual, torna-se um quadro de atenção. Sendo assim, torna-se evidente que os adolescentes devem ser acompanhados para que esse processo de descoberta possa ser benéfico. Para Silva *et al.* (2015) o início da atividade sexual precoce é um comportamento de risco que expõem o adolescente a maiores chances de contrair infecções sexualmente transmissíveis ao longo da vida, em decorrência da maior quantidade de parceiros sexuais que estes poderão ter.

De acordo com a amostra, nove (17,6%) dos adolescentes iniciaram sua vida sexual até aos 15 anos de idade, constituindo assim iniciação sexual precoce. Por meio deste, compreende-se que aproximadamente a metade dos alunos. A tendência atual é de iniciação sexual mais cedo, principalmente em países em desenvolvimento e quando não se conta com um programa de educação sexual consolidado nas escolas, como é o caso do Brasil, onde a iniciação sexual está ocorrendo em adolescentes com 15 anos ou menos (Campos *et al.*, 2013). Nesse contexto, a escola é o local de suma importância para se exercitar a troca de conhecimentos, competências e promover a mudança de hábitos, pois trata-se do local a qual o jovem

costuma ficar uma grande parte do dia, sendo esse local, ideal e oportuno para o desdobramento de atividades de educação nas mais variáveis áreas do conhecimento humano. (Spinola, 2020)

A pesquisa aponta também que quem se lembra de utilizar a camisinha é o (a) outro (a) (ele ou ela) e não a própria pessoa. Compreende-se por 37,3% a quantidade de adolescentes que esperam que o outro se lembre do uso da camisinha, contrapondo com 15,5% que se lembra de utilizar. Com isso, pode-se perceber a vulnerabilidade na qual o adolescente se encontra abstendo-se da sua responsabilidade e colocando no outro sua confiança de que no momento da relação sexual o mesmo lembrará de utilizar a camisinha. Constatou-se que 29,4% dos adolescentes não usariam camisinha se o (a) parceiro (a) não aceitasse. Segundo Costa *et al.* (2013), a aceitação ou negação relacionado à utilização do preservativo nas relações sexuais contribui para a vulnerabilidade dos mesmos. Santos *et al.* (2021), acrescenta que o comportamento individual também contribui para a vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis.

Do mesmo modo que, 35,3% dos adolescentes afirmaram não gostar de utilizar a camisinha ao qual apresentaram os seus motivos. O motivo mais frequente é o incômodo. A resistência ao uso de preservativos ou até mesmo a concepção de que o método é dispensável à atividade sexual coloca-se o adolescente sob risco. O adolescente torna-se vulnerável a gravidez indesejada, assim como podendo adquirir ISTs e HIV/Aids. De acordo com o manual de manejo de infecção por HIV na Atenção Básica do Ministério da Saúde o indivíduo passará por um longo processo em que a fase inicial é o acolhimento e avaliação. Sendo necessário acompanhamento, o indivíduo pode permanecer na atenção básica, se estiver assintomático ou ser direcionado para uma unidade especializada se for criança, gestante, estiver sintomático ou com mais de uma ISTs. Se o indivíduo permanecer na atenção básica realizará em média de 6 em 6 meses exames laboratoriais. Assim como, serão utilizadas profilaxias específicas para cada caso. (Brasil, 2015),

Em contrapartida, os adolescentes em sua maioria 98% afirmam que a obtenção de HIV/Aids não está relacionada com grupos de risco específicos como homossexuais. Contrapondo a afirmação de Pereira *et al.* (2014), ao qual apresentou que a exposição a fatores e situações de risco por adolescentes estavam relacionadas com a concepção de que apenas grupos de risco como homossexuais adquirem ISTs/HIV/Aids.

Pode-se perceber que os pais estão presentes na maior parte dos casos, independentemente se os mesmos são solteiros, casados, separados ou divorciados. Sendo os pais o familiar mais próximo (96,1%), propiciadores da educação do adolescente no âmbito da educação moral, o tipo de relação que os mesmos dispõem influenciam na educação dos adolescentes. Impedir que o início da vida sexual fosse cada vez mais cedo é uma tarefa difícil. A relação e liberdade entre a família é importante para o jovem sentir-se mais preparado e confiante para discutir as informações que circundam as práticas sexuais, sem receio de repreensão pelos genitores. (Costenaro *et al.*, 2020)

A falta de informação e de comunicação com o adolescente, somando os mitos e tabus, assim como, a procura e a curiosidade por novas experiências, pode colocar o adolescente em situações de risco. Entretanto, o acompanhamento e apoio da família, através do diálogo, são fatores que produzem mais informações acerca do sexo, podendo resultar em adolescentes que praticar o autocuidado. Entretanto, a família em muitos casos não está preparada para incluir sexo e sexualidade nas conversas com os adolescentes. No mais os programas educativos institucionalizados nas escolas e serviços de saúde nesta temática ainda não alcançam efetivamente os adolescentes, o que pode propiciar a busca por conhecimento com seus pares, amigos ou Internet, sem nenhum filtro para as informações recebidas. (Martins *et al.*, 2014, Carvalho *et al.*, 2014)

De acordo com a pesquisa, 54,9% dos adolescentes referiram obter informações sobre sexo e ISTs pela mídia (TV, internet, rádio, livro, revistas e jornal). Contudo, sabe-se que a mídia nem sempre oferece informações seguras acerca da relação sexual (Martins *et al.* 2014)

A adolescência é marcada por muitas modificações biológicas, sociais e emocionais ao qual estão diretamente relacionados à autonomia e maior exposição a situações. Sendo que, dentre elas pode-se encontrar a identidade que é

estabelecida pela maneira como o adolescente identifica o seu corpo. A pesquisa mostra que 64,7% dos adolescentes estão insatisfeitos com algo em seu corpo. A insatisfação corporal propicia pensamentos e sentimentos negativos relacionados à aparência, contribuindo para interferência emocional e qualidade de vida. (Ciampo & Ciampo, 2010), Além disso, há associação com sintomas de depressão, estresse e baixa autoestima e a depender do grau de insatisfação, o impacto é direto na vida do indivíduo no que tange desempenhos psicossocial, físicos e cognitivos (Freitas, et al, 2020).

O ensino médio no colégio universitário se distancia do ensino médio em escolas públicas comuns. O colégio proporciona ao estudante de licenciatura da UFF a possibilidade de prática para iniciação à docência. Contudo, até mesmo o ingresso ao referido colégio possui um diferencial. O ingresso se dá por meio de sorteio público, o colégio funciona em horário integral oferecendo aos alunos, além das aulas regulares, atividades extracurriculares, como: sala de leitura, jogos matemáticos, canto/coral, flauta, teatro, futebol, línguas estrangeiras e brinquedoteca. O ministério da educação por meio do novo currículo do ensino médio que será baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz como uma das mudanças do ensino médio uma Política de Fomento de Escolas em Tempo Integral, que deverá ocorrer de forma gradual. Sendo que, já existem 386 mil alunos matriculados no ensino médio em tempo integral, correspondendo a 5% do total. Com isso, pode-se perceber que os alunos estão entre esses 5%, considerados minoria (Brasil, 2017).

Houve algumas limitações que devem ser consideradas. Os estudos transversais não mostram relação temporal entre as variáveis. Assim como, é inadequado para características que são difíceis de encontrar. E, por tratar-se de um estudo transversal que apenas analisa no momento da pesquisa, traduz-se por uma limitação do estudo. Porque não se sabe se o adolescente começou a utilizar preservativos a partir de uma exposição, como por exemplo, o coito que não foi interrompido, ou se algum outro tipo de fator que não tenha inferido à ideia clara e realista de que a camisinha é o método mais adequado e necessário.

A pesquisa apresentou 62,7% de adolescentes que não tiveram relação sexual. Com isso, percebe-se que o estudo foi comprometido, pois o objetivo dessa pesquisa foi investigar o uso de preservativos por adolescentes que tiveram relação sexual. Sendo assim, o N (população) foi comprometido, à medida que a quantidade de adolescentes que tiveram relação sexual até o momento da pesquisa constitui-se mínima comparada à complexidade e relevância do tema.

5. Considerações Finais

De acordo com a pesquisa realizada, o objetivo foi alcançado. Contudo, a pesquisa encontra-se no início de um caminho na defesa de discussões acerca do tema.

O objetivo dessa pesquisa era investigar o uso do preservativo por adolescentes do ensino médio de uma escola pública de Niterói. Por meio dessa pesquisa pode-se obter a seguinte evidência: 13,7% dos adolescentes utilizam camisinha como método contraceptivo. Sendo que, 37,2% dos adolescentes participantes já tiveram relação sexual. Ou seja, apenas 7 a cada 19 alunos declararam usar preservativos.

O que se torna mais preocupante é o fato de que dentro dessa porcentagem 29,4% desses adolescentes não utilizaria camisinha se o (a) parceiro (a) não aceitasse. Os adolescentes apresentaram comportamentos de risco, à medida que escolheram opções que demonstram a distinção clara entre prática segura e comportamentos de risco. Deste modo, percebe-se a gravidade da situação, à medida que os adolescentes estão inseridos num espaço ao qual deveriam ter mais acesso às informações relacionadas à saúde sexual.

Entretanto, de acordo com essa pesquisa, 98% dos adolescentes afirmaram não existir relação direta entre HIV e homossexuais. É primordial a superação da ideia de grupos de risco por uma concepção comportamentalista da prevenção.

A enfermagem está inserida nesse contexto com a responsabilidade de orientar, tirar as dúvidas e conscientizar o indivíduo para atitudes seguras, que diminuam ou anulem os riscos de contaminação. Inclusive, a enfermagem atua

diretamente na sexualidade, pois a sua intervenção envolve práticas do cuidado relacionadas ao contato com os corpos, com a intimidade do outro. Novas pesquisas precisam ser realizadas para que se possa aprimorar o entendimento sobre o aumento do número de adolescentes que não estão utilizando camisinha utilizando critérios diagnósticos mais claros e maior quantidade amostral.

Nesse sentido, pode-se refletir sobre a importância da implementação de políticas públicas relacionadas à saúde sexual do adolescente, ao qual perpassa na atuação do enfermeiro como profissional de saúde. Assim como, a importância da atuação atenta e sensível às demandas desse público, distinguindo o normal do atípico, colaborando assim de maneira positiva para a vivência completa e saudável da sexualidade do adolescente.

Para estudos futuros, é necessário que se traga a reflexão para as escolas, em especial de nível médio, sobre a importância da prevenção de ISTs. Assim como pesquisas que busquem compreender os fatores sociais relacionados a não adesão, ou uso inadequado do preservativo.

Referências

- Bicalho, M. L. C., Araújo, F. G., Andrade, G. N., Martins, E. F., & Mendes, M. S. F. (2021) Tendência das taxas de fertilidade, proporção de consultas de pré-natal e cesarianas entre adolescentes brasileiras. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0884>
- Brasil, Ministério da Educação (2016). Programa Saúde nas Escolas. <http://portal.mec.gov.br/despesas/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas>.
- Brasil. Ministério da Educação. (2017). Novo Ensino Médio. <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>.
- Brasil. Ministério da saúde. (2015). O Manejo da Infecção pelo HIV na Atenção Básica. Ministério da saúde. Brasília.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2016) Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015/IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2015) Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas Infecções Sexualmente Transmissíveis. Ministério da Saúde.
- Brasil. (2015) DECRETO Nº 8.618, regulamenta a lei nº 13.152, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2015. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/d8618.htm.
- Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). *Censo demográfico: resultados gerais da amostra*. ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2015/estimativa_2015_TCU_20160712.pdf.
- Campos, M. O., Giatti, L., Malta D., & Barreto, S. M. (2013) Contextual factors associated with sexual behavior among Brazilian adolescents. *Ann Epidemiol.*; 23(10):629-35.
- Carvalho, K. E. G., Freitas, N. O., Souza, J. Santos, C. P., Barbosa, E. C. S. & Araújo, E. C. (2014) Adolescência e sexualidade: reflexões para a prática da enfermagem em educação em saúde. Recife: *RevEnferm UFPE online*, 2527 p.
- Ciampo, L. A. D., & Ciampo, I. R. L. D. (2010) Adolescência e imagem corporal. (4a ed.), *Adolesc. Saúde*, 59 p.
- Costa, A. C. P. J., Lins, A. G., Araújo, M. F. M., Araújo, T. M., Gubert, F. A., & Vieira, N. F. C. (2013) Vulnerabilidade de Adolescentes Escolares às DSTs/HIV, em Imperatriz – Maranhão. *Rev. Gaúcha de Enfermagem*, 186 p.
- Costenaro, R. G. S., Jesus, M. I. A., Oliveira, P. P., Roos, M. O., Stankowsk, S. S., Teixeira, D. A., et al (2020) Educação Sexual Com Adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. *Brazilian Journal of Development*. v.6, n.12, p. 100544-100560.
- Freitas, C. B., Veloso, T. C. P., Segundo, L. P. S., Sousa, F. P. G., Galvão, B. S., & Paixão, P. A. R. (2020) Prevalência de insatisfação corporal entre adolescentes. *Research, Society and Development*, 9(4).
- Fonseca, A. A. R., Mendes, L. A. C., Coutinho, M. L., Yegashi, S. F. R., Costa, F. G., & Sá, J. G. C., (2021) Crenças de vulnerabilidade ao HIV/AIDS em adultos jovens em contexto universitário. *Research, Society and Development*, 10(16).
- Martins, C. B. G., Moreira, R. M. F., Mendes, S. S., Souza, S. P. S., & Matos, K. F. (2014) O adolescer e a sexualidade: o conhecimento sobre o próprio corpo. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 386 p.
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada.
- Oliveira, P. S., Abud, A. N. F., Inagaki, A. D. M., Alves, J. A. B., & Matos, K. F. (2018) Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária. *Rev. enferm. UFPE online*, 753-762.
- Pereira, B. S., Costa, M. C. O., Amaral, M. T. R. Costa, H. S. Silva, C. A. B., & Sampaio, V. S. (2014) Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, 2014. 758 p.

- Rodrigues, V. C. C., Lopes, G. F., Silveira, G. E. L., Sousa, I. B., Sena, M. M., Lopes, T. S. S., & Aquino, P. S. (2021) Fatores associados ao conhecimento e atitude de adolescentes quanto ao uso de preservativo masculino. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74,
- Santos, G. S., Queiroz, A. B. A., Tura, L. F. R., Penna, L. H. G., Parmejiani, E. P., & Pinto, C. B. (2021). Social representations of adolescents about sexuality on the internet. *Rev Esc Enferm USP*. 55. <http://dx.doi.org/10.1590/REEUSP-2020-0488>
- Santos, M. U., Nascimento, H. M. Andrade, L. D. F., Pinto, M. B., & Santos, N. C. C. B (2011). A enfermagem e a vulnerabilidade dos adolescentes frente às IST/HIV/AIDS: uma revisão integrativa. (3a ed.), *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 11 p.
- Silva, A.S. N., Silva, B. L. C. N., Silva-Junior, A. F., Silva, M. C. F., Guerreiro, J. F., & Sousa, A. S. C. A. (2015) Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. (3a ed.), *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 34 p.
- Souza, M. L., Lynn, F. A., Johnston, L., Tavares, E. C. T., Brüggemann, O. M. & Botelho, L. J. (2017). Taxa de fertilidade e desfecho perinatal em gravidez na adolescência: estudo retrospectivo populacional. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 25. e2876. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1820.2876>
- Spinola, M. C. R., (2020) Fatores associados à iniciação sexual precoce de adolescentes em Santarém-PA. *Revista de políticas públicas*. 19(1): 36-47.